

O RESTABELECIMENTO DA ESCRAVATURA NO SOLDÃO

EM O PREGA FREI THOMAZ.....



A Inglaterra, pela bocca do seu delegado, o general Gordon, acaba de permittir a escravatura no Soldão decretando que «todos aquelles que possuem *serviçaes* possam consideral-os como propriedade-sua e dispôr d'elles como entenderem.» Se a memoria nos não falha, foi esta mesma Inglaterra que ainda não ha muito tempo nos accusava de consentirmos a escravatura em Africa... Ora sempre é bem certo que bem o prega frei Thomaz...

A SEMANA

Em quanto tu, leitor amigo, passeiavas por essas ruas e por essas casas o teu desengraço e a tua semsaboria, seguíamos-te nós, silenciosos e circumspectos, estudando-te os movimentos, acompanhando-te os passos, escutando-te as facecias insossas, expionando-te as gargalhadas alvares, munidos da nossa penna *diamant* e do nosso lapis *Faber*, com que esboçávamos os croquis e tomávamos os apon-



tamentos precisos para mais tarde, hoje mesmo, te darmos á estampa tal qual tu és, insignificante e insípido, desenhado e massador, no proposito muito para louvar-se de que esta lição te aproveite, e assim, no carnaval futuro, não ouses repetir as tristissimas figuras de que no presente te tornaste tão consciencioso interprete.

Vimos-te no Chiado, especado em alas enormes ao longo das valetas, immovel e silencioso como um recruta do 7 ou como a mulher de Loth transformada em estatua de sal



—de que nem ao menos tinhas uma pedrinha— á espera da graça dos que passavam, como se os que passavam não fossem todos feitos á tua imagem e semelhança!



Vimos-te n'esse mesmo Chiado, subindo e descendo, ora em tipoias miseráveis arrastadas por pilecas moribundas, ora em carruagens sumptuosas arrebatadas por quatro soltas de hanovrianos, e sempre pequenino e desengraçado porque, se tinhas espirito, te faltava o dinheiro para o poderes patentear e, se te abundava o dinheiro, te escaceiava o espirito para o fazeres luzir.



Vimos-te nos bailes da Trindade, de S. Carlos, de D. Maria e do Coliseu, sempre o mesmo de todos os annos, desbragado e ordinario, com um bouquet de infelizes violetas já murchas e enxovalhadas pelo contacto da tua entecada *boutrière*; os olhos vermelhos e piscos pelas nuvens de lama secca e pulverizada que se levantava do



chão aos compassos d'uma polka deshonesta; o teu collete de cotim branco, engommado tres dias antes, mostrando ainda junto á casa do penultimo botão uma sujidade azulada impressa pelo roçar da medalha de oiro que momentos antes fôras deixar no prego; levando pelo braço, n'uma doce effusão de affecto que nunca dispensaste a tua mulher, qualquer *hectaira* barata com que a maruja já quebrou as suas relações; entrar no botequim e esportular ali os ultimos cobsres da maquia destinada para o costeo do mez que ainda ha de vir, a troco d'um mixtiforio repellente a que chamaste o pomposo nome de *meio grog*!



Vimos-te nos *salcifrés* particulares, de bisnaga mal cheirosa em punho, ensopando a torca direita quantos tiveram a leviandade de te aceitar o convite para os mimo-seares com cinco ou seis actos de comedias detestaveis em que nem ao menos, por teu mal, se destacava um papel de sapateiro; vimos-te sair d'esse mesmo *salcifrè*, com a caraça de papelão manchada de suor e que levavas comtigo no proposito de a aproveitares ainda d'aqui a um anno, voltando á pata para tua casa, alquebrado como um camello, de cabellos empastados na testa e bocejando a cada passo, já porque o somno te não deixava abrir os olhos, já porque a amabilidade dos donos da casa te pozera a barriga a dar horas com duas chavenas de agua morna e quatro palitos de pão de ló secco, recusando-te em *sandwichs* o que te dera a mais em polkas-mazurcas.



Vimos-te nos bailes do grande mundo, grave e encasacado, sem perdeses uma esquirola da tua chronica circumspecção de conselheiro do supremo ou da tua fidalga prosapia de moço da real camara, passeiando compassadamente ao longo dos salões illuminados e relanceiando

um olhar de vaidade sobre o crystal dos espelhos onde se reflectia o teu cabello symmetricamente annellado pelo ferro do *François*; ouvimos-te, moço fidalgo, cochichar no delirio da valsa sandices amorosas, dignas de caixeiro de loja de modas, aos ouvidos immaculados de diaphanas meninas, cujas faces se tingiam de vermelho... porque a elegancia das botinas lhes apertava os tornosellos; vimos-te, conselheiro do supremo, desabrochar n'um sorriso parvo em que mostravas quatro incisivos amarelos, no cavaco com illustres filhas familias que te mandavam sabe Deus aonde...



Vimos-te, emfim, pobre *cheché* e desventurado *gallego*, saindo ha pouco da *Boa Hora*, onde foste pagar a fiança, depois de teres passado tres dias e tres noites no calaboiço do governo civil, por teres dito em publico a um mascara teu conhecido o mesmo que as citadas meninas tinham dito em particular ao conselheiro das suas relações.

E, depois de te vermos sob tantas formas diversas, que afinal n'uma só podem fundir-se — *semsaboria* — sentimos pena de não sermos cegos, ao menos d'um olho, como Camões, porque nos restaria a consolação de não termos visto senão metade...

PAN.

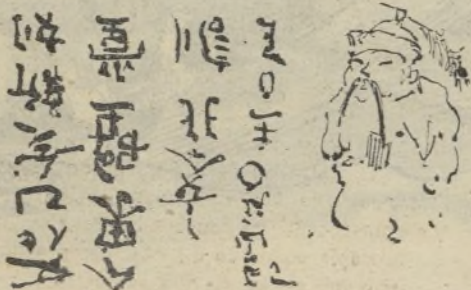


Acabamos de ler o *Idyllio*, um delicioso monologo em verso, por Baptista Machado que ha dias ouvimos recitar ao Brazão. É uma composição que deveras nos surpreendeu e surpreenderá todos quantos conhecem o genio e a musa accentuadamente humoristicos d'aquelle excellent moço e mal lhe suppunham por isso a lyra poetica de cujas cordas elle fez vibrar *Idyllio*.

ERRATA IMPORTANTISSIMA

Todos os jornaes, mais ou menos, inserem a meudo erratas a publicações que pelo precipitado da composição ou revisão saíram com *gralha*; e o *Antonio Maria*, que felizmente não é uzeiro n'essas rectificações, vê-se hoje obrigado a dar a mão á palmatoria notificando aos seus leitores que no telegramma em chinéz publicado no nosso ultimo numero onde se lia:

deve ler-se:



O TOSÃO D'OIRO

Nasceu, cresceu, foi vivendo
Sem pesar's nem contratempos,
E fez-se ao cabo de tempos
Um esvelto mocetão;
E o papá pensou um dia,
Ao ver-lhe a estrutura prompta:
— O rapaz já está na conta,
É justo dar-lhe o tosão...



N'uma das magnificas *soirées* offerecidas por Justino Guedes aos seus amigos, tivemos occasião de ouvir e applaudir os *Occarinistas da serra da Arrabida*, uma *troupe* de modestos amadores tanto mais notaveis quanto é certo deverem apenas o que valem ao esforço da sua vontade, applicando ao estudo os seus momentos de ocio, que bem poucos são.

Francamente, que sympathisámos mais com os desprezenciosos occarinistas de que com o *chromo-lythografico* de bochechinha cõr de tomate e calça cõr de flôr de alecrim...



Diz um jornal que em frente da cadeia do Limoeiro está agora permanentemente um policia para evitar que os presos das janellas provoquem com palavras as pessoas que passam.

Julgamos o expediente muito bem achado mas parece-nos que um policia em frente da cadeia o mais que poderá evitar é que as pessoas que passam provoquem com palavras os presos que estão lá dentro. Em todo o caso sempre se evita alguma coisa.



REVISTA DO CAVAL EM LISBOA



NO PAIZ DO SYNDICATO



Shakspeare no Porto! Ao genial talento de Ernesto Rossi devemos a incommensuravel graça d'esta visita divina. Mas não ha phenomeno d'esta grandeza que não dê margem a pequenos casos e a pequenas suggestões, que, longe de serem testemunhos de desrespeito pelo grande poeta semi-barbaro..., constituem o baixo relevo d'aquella imagem formosissima, nova forma artista sob a qual nos apparece mais uma vez a feição immaculada do genio.

Um publicista nosso amigo acaba de levantar um assumpto digno de mais largo estudo: — «será possível hoje a tragedia? porque razão nenhum escriptor de talento, moderno, cultiva aquelle genero poetico? a nossa geração não dará *Othellos*, *Hamlets*, *Lears*? Razões de ordem social, de evolução dramatica, de momento civilizador, levam a maioria dos criticos a concluir pela impossibilidade da producção tragica, fazendo lembrado até o profundo corte que a revolução franceza operou no passado e no presente mundo. O nosso mister de chronista do *Antonio Maria* oppõe-se a que sigamos essa conclusão singular. Nós, bem pelo contrario, entendemos que a tragedia vive hoje tambem como viveu ha dois seculos, que os typos tragicos existem hoje tão correctos, tão perfeitos, tão humanos, como aquelles que o velho *Gilles*, segundo Voltaire, ergueu a tamanha altura, que ainda hoje, apesar de todo o trabalho cumulativo da civilisação, não pôde ser ultrapassada por creação alguma.

O que nos faz suppôr a extincção irremediavel da tragedia é o nosso mau gosto de apreciar o presente para maior grandeza do passado, e este seculo que se preza de fazer a justiça democratica, de honrar, como nenhum outro, os seus heroes, as suas façanhas. as suas idéias, vê-se reduzido ao melancolico papel de viver do sepulchro, da sua quietude, da sua poeira infecta. A razão de tudo isto está em que a nossa educação hodierna, inteiramente classica, alatinada, barbara, de mau gosto, fedorenta a morrão de vella de egreja, não nos deixa apreciar os typos e os caracteres que nos rodeiam, as augustas personalidades que herdaram em linha curva aquelle nobre sangue tragico, derramado abundantemente no quinto acto shakspereano.

Othellos! Hamlets! Lears! dos modernos tempos! nós vos faremos a justiça inteira que merece a vossa grandeza e que nos impõe a nossa tarefa! Despi os vossos fracks; descalçae os vossos sapatos ponteagudos; deixae crescer livremente, leoninamente as vossas cabelleiras; cingi uma espada; envolvi o vosso busto no manto fluctuante, negro como a noite; illuminae de trevas o olhar; cobri de claridades a expressão profunda da vossa linguagem... e caminhae, e movei-vos, e agita-vos, e vinde dizer em face do universo, á luz dos relampagos, que a tragedia não morreu, isto é, que a tragedia não se suicidou.

A verdade é, portanto, esta: — os typos e os caracteres tragicos existem hoje como outr'ora, mas a civilisação da nossa época, as transformações porque passaram as sociedades, as exigencias de um progresso mal comprehendido deram um aspecto novo aos heroes, um cunho diverso ao seu movimento poetico, uma phisionomia opposta ao antigo genio, porque oppostas são as condições das duas sociedades.

Mas desçamos da theoria... pura, ao campo das exemplificações praticas. Como nos prezamos de ser bom argumentador, não podemos deixar de entrar no processo que torna perfeitamente claras sempre as affirmações geraes.

Não ha muito tempo que as más linguas das velhas viellas da cidade relataram um caso dramatico do mais profundo sabor artistico: Cassio da Silva levava a cabo uma entrevista com Desdemona Ferreira. O céu estava negro; ainda não cantava nos ares a calhandra de Romeu; e ao longe, o mar tumultuoso roncava como um touro espicaçado no curro. *Presto*, *Othello* Ferreira bate á porta de casa. Cassio da Silva tomou a grande resolução dos heroes — fugiu pelo telhado. Mas a policia civil, instituição medonha, santo-officio da epoca actual, lobrigou o desventurado saltando pelas trapeiras, convidou-o a descer, teve a amabilidade de lhe ir offerecer o seu braço e levou-o até á proxima esquadra. E no ponto em que o velho *Gilles* desfecharia com a cimitarra e faria correr ás canadas o bello sangue quente e palpitante a sociedade moderna deu á tragedia o unico desenlace possível hoje a uma acção poetica, suavissima, mas em que entra o guarda nocturno, ou a ronda da guarda municipal. Em a noite seguinte havia espectaculo no Principe Real, e Cassio e Desdemona e *Othello*, singelamente, assistiam á quinquagessima representação da *Mascotte*. Ora nós desafiamos quem quer que seja a provar-nos que este desfecho fosse menos humano com relação á sociedade actual, do que o golpe de travesseiro no tempo da república de Veneza.

E *Hamlet*! Quem o não conhece? Quem não soffreu ao menos uma vez um encontro com *Hamlet* d'Araujo? O principe da Dinamarca philosophava; o procurador val-longueiro morde lyricamente na azeitona do soneto. O outro phantasiava e bradava sobre a morte de seu pae; este publica telegrammas e reclames da posta. Aquelle conversava com os craneos exhumados; este odeia o sabonete, desconhece as applicações do pente meudo, roe as unhas negras, meditando no ser ou não ser da imbecilidade e da lavadeira. Se o *Hamlet* do Shakspeare não podia deixar de ser na Dinamarca um grande nostalgico, o nosso *Hamlet* poderia ser em Penafiel mais alguma coisa do que um grande sujo?

E *Lear*? De ferro e bronze elle monta na Praça Nova o seu cavallo de combate. As facções politicas, Gonevilla e Regana, receberam tudo nas distribuições da Carta. Zé-Cordelia, o puro, o honesto, esse foi o desherdado nas partilhas, o bode do sacrificio, o que teve de sustentar com o seu sangue e com a sua virtude o velho pae idiota, que julgava poder viver tranquillamente o resto dos seus dias dando força ás paixões com a divisão das prebendas e alimento aos tigres com a outbarga dos rendimentos da nação. Humano, humano, mil vezes humano.

Tal é o nosso modo de vêr no assumpto. A materia tragica, bem como os caracteres tragicos, existe hoje, como existiu sempre; mas as transformações sociaes, operadas nas coisas e nas idéas, deram a todo aquelle fundo grandioso uma feição chata e mercantileira.

Zola é o *Gilles* da tragedia moderna.

JOÃO BRÔA

BONS DITOS

Durante o carnaval, tivemos occasião de surprehender um sem numero de bons ditos dos quaes tomamos a liberdade de publicar quatro ou cinco, depois de pedirmos venia aos respectivos auctores.

NA RUA



Chéché: — Adeus, ó gallego; tu conheces-me?

Gallego: — Conheço sim; foste tu que assignas-te a circular do sr. Fontes na enxovia do Limoeiro, alembras-te?..

NO BAILE DA TRINDADE



Mephistopheles: — Adeus vivandeira; queres tomar alguma coisa?

Dominó, em segredo á vivandeira: — Não respondas; pelas entradas do cabelo parece-me que é o teu marido...

N'UM SA' CÍFRÉ DE FAMILIA



Pastorinha: — Sabes o que disse ha bocado a Aurelia, que anda vestida de *Verdade*?

Varina: — ?...

Pastorinha: — Que eu era a mascara mais elegante de todo o baile.

Varina: — Serio?! É que mesmo de *Verdade* não póde abrir bocca sem dizer alguma mentira.

N'UM BAILE DE SOCIEDADE



Zuavo de mãos sujas: — A menina brinca?

Vivandeira garibaldina: — Brinco, sim senhor; mas faça favor de metter a mão por baixo, não me suje o beribalde.

GRANDE LIQUIDAÇÃO!!!

Tendo findado a estação do carnaval e existindo ainda no nosso estabelecimento um PEQUENO SALDO de *fazendas* proprias d'aquella época, resolvemos fazer prompta liquidação de todos esses artigos, por PREÇOS DIMINUTÍSSIMOS; a saber:

Costumes p'ra velhas tontas
(Um *bijou* do carnaval:)
Masc'ra e rosario de *contas*
Da Cam'ra Municipal.

Um *tourreiro* papafina:
Custosa e rica farpella,
Com que o conde de Almedina
Usa mostrar a canella.

Chéché de apparencia nobre:
A camisa secular
Com que á noitinha se cobre
O conde — *deixa-as penar*...

Fato p'ra alegre farrancho:
Um trapeiro nacional,
Levando presa no gancho
A carta constit'cional.

De festão da Noruega
Varios *costumes* frecheiros
Tendo inclusa a cega-rega
Do mano do Chancelleiros.

Lindas orelhas de burro,
Saías de frades, anagoas,
Lenços e caixas de esturro
Da companhia das aguas.

Ricos fatos á hespanhola
Com rendas, laços e pregas;
Padres solemnnes, de estola,
Da marca Santos Viegas.

Temos em caixas, aos montes,
Dos mais delicados cheiros,
Repuchos, esguichos, *Fontes*
— P'ra seringar os parceiros.

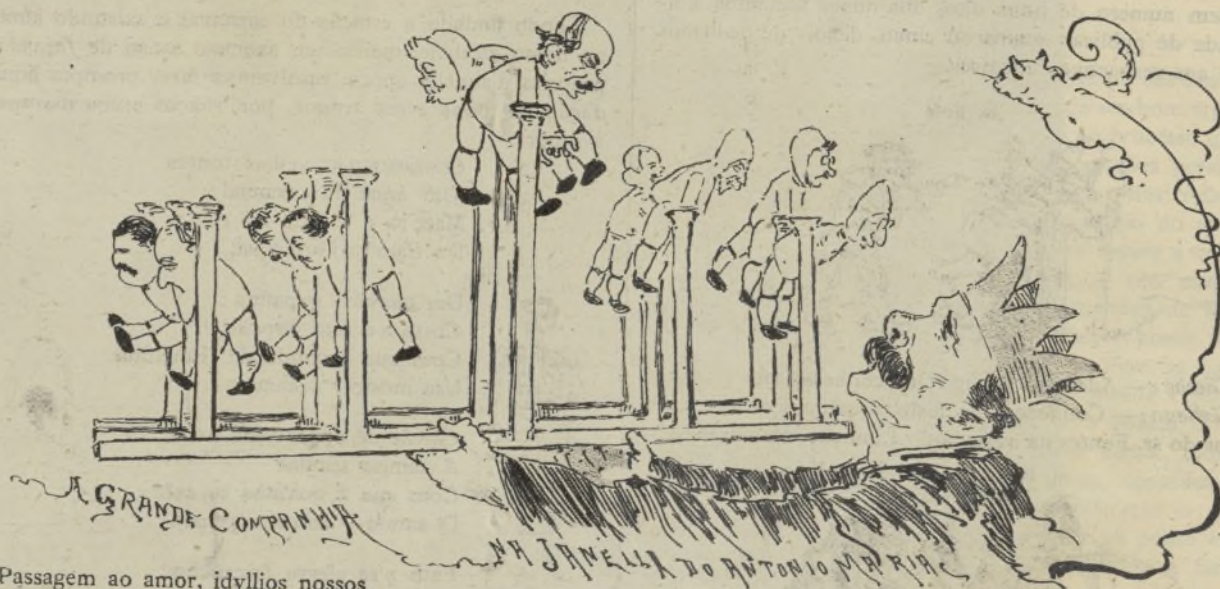
Vendemos por preços baixos
La plus aute nouveauté...
(Artigo apenas p'ra machos)
Á nobre marquez de V...

Venha o povo lusitano
Comprar sequer um *bijou*:
Qu'rendo guardal-o p'ra o anno
Póde-o metter no bahú...



Agora, que já passou o carnaval, queira ter a bondade de se pôr no olho... da margem.

FANTOCHES E CUPIDOS



Passagem ao amor, idyllios nossos
Meninas qu'ahi estaes n'essas janellas,
Viuvass... solteironas e donzellas
Fazei tregua ás bisnagas e aos tremoços!

Deixae pulsar no peito os corações!
Rebentem muito embora os espartilhos!
Tudo isso se concerta com atilhos,
Com linha, fitas, nastro ou cordões!

Passagem ao amor... elle aqui vem!
Meninas do Chiado oihae-nos bem...
É cada um de nós um seraphim!

Deixae-vos possuir d'amor profundo...
Não receieis as linguas d'este mundo
Pois isto é p'ra casar...é p'ra bom fim!



1º CUPIDO PARA MENINAS
LYMPHATICAS

2º PARA SENHORAS
SANGUINEAS
3º PARA SENHORAS
SERIAS

4º PARA CRIADAS DE
SERVIR

5º COSMOPOLITA

6º PARA AMAS
DE LEITE

UMA VENUS ESTAFADA

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Foi a synthese da nossa vida publica e particular: a politica teve os fantoches do Antonio Maria; os costumes nacionaes tiveram os cupidos de Carlos Cohen.